

# “DO TWITTER PARA AS RUAS”: O CIBERATIVISMO NO BRASIL POR MEIO DAS HASHTAGS #VEMPRARUA, #FORAPT E #ELENÃO

TEIXEIRA, Clara Judite Franzmann<sup>1</sup>

PRADO, Gustavo dos Santos<sup>2</sup>

## RESUMO

A presença das chamadas Sociedades de Redes na contemporaneidade possibilita que o espaço seja usado como extensão da realidade. Nelas, são possíveis discussões, exemplificações e manifestações feitas por seus usuários, sendo esta chamada de Ciberativismo: movimento que ganha força no Brasil a partir de 2013, em meio a atos populares de tomadas das ruas por todo o país. As *hashtags* nesse momento ganham destaque ao serem usadas como ferramentas para divulgar os atos e convocar mais internautas a participarem dos movimentos, físicos e digitais. A partir de então, um novo fenômeno é de fato instaurado e a população brasileira que ocupa as redes passa a utilizá-la como plataforma para suas reivindicações. Atos como as Jornadas de Junho voltam a se repetir nos anos seguintes e a mobilização nas redes é cada vez maior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil, Política, Ciberativismo, Redes, *Twitter*, *Hashtag*.

## 1. INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, elaborar uma análise sobre os conteúdos postados no *Twitter* com as *hashtags* #vemprarua, #forapt e #elenão, com embasamentos científicos de autores como Castells (1966), Souza (2018), Rocha (2018) e outros. Cada *hashtag* será estudada separadamente, com recortes feitos sobre suas temáticas e datas de publicações, cada qual referente ao momento sociopolítico em que o Brasil se encontrava.

Com o intuito de tornar a futura análise crítica e relevante socialmente, a revisão bibliográfica assume papel de destaque no artigo, pois, nela, serão abordados os fatos que culminaram na polarização política brasileira atual. Este estudo será abrangente o período desde o surgimento das redes até os acontecimentos que possibilitaram a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º Período de Jornalismo-noturno do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: clarafranzmann@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor, Mestre e Doutor em História Social, docente do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com.

Divididas em tópicos, a Fundamentação Teórica é composta por cinco partes: o funcionamento da sociedade de redes, a polarização política brasileira, o ciberativismo, as *hashtags* e a análise de conteúdo.

A temática ampla e centenas de milhares de postagens feitas com o uso dessas *hashtags* tornam necessário um recorte que exclui diversos outros conteúdos, porém tal delineamento é preciso devido a extensão que este artigo terá e a impossibilidade de se analisar todas as postagens que carregam essas ou outras *hashtags*.

## **2 REDES, CRISE BRASILEIRA, POLARIZAÇÃO POLÍTICA, CIBERATIVISMO, HASHTAGS E ANÁLISE DE CONTEÚDO**

### **2.1 Uma sociedade em rede**

A necessidade de novas articulações econômicas, políticas, sociais, culturais etc. alavancaram, a partir da segunda metade do século XX, o uso e a disseminação das redes. Em meio a uma sociedade que não conseguia se comunicar de forma efetiva, o desenvolvimento de novas tecnologias voltadas para computadores e *softwares*<sup>3</sup> de comunicação possibilitou que nascesse, então, o que hoje é conhecido como Sociedade de Redes.

A sociedade de redes ainda está longe de ser totalmente decifrada e compreendida em todos os seus aspectos, mas pesquisadores como Castro desenvolvem estudos sobre a busca por maior compreensão desse fenômeno. Em sua obra *A Sociedade em rede* (CASTRO, 2003), a autora aborda o nascimento das redes como apenas a ponta de um iceberg, e que, a partir de então, foram criadas e desenvolvidas ferramentas que facilitaram e popularizaram a sua utilização.

Segundo Castro (2003), a possibilidade de quebrar a barreira do espaço físico foi fator determinante para que o uso das redes fosse estabelecido. Houve, então, o declínio do espaço real e maior uso do ciberespaço; com a constância na exploração do novo meio, foi-se transpondo para ele parte da realidade. A autora faz uma alusão à obra “Flatland: Um romance de muitas dimensões por um quadrado” (CASTRO, 2003, p. 2), uma novela escrita pelo clérigo Edwin Abbot, que, em resumo, aborda duas realidades diferentes visitadas pelo mesmo

---

<sup>3</sup> Termo técnico usado para referir-se a programas de computadores.

personagem, mas que em uma delas não consegue ter a real noção do todo, justamente por ser pertencente a outro tipo de realidade.

A colocação da autora serve de metáfora para as redes, exemplificando que, mesmo com muitas semelhanças e possibilidades de acesso, o mundo virtual é sim diferente do real, e que deve ser observado também de forma diferente. Caso isso não seja feito, a compreensão será ainda mais difícil, ou até mesmo não acontecerá.

No livro *Sociedade em Rede*, o autor Manuel Castells (2005) discute o surgimento da sociedade no meio digital. Ele é claro, ao explanar sobre o fato de ela ser um reflexo da sociedade e como seu processo de surgimento foi diferente em diversos países ao redor do globo. Castells (2005) aponta a sociedade em redes como fruto de um processo que a sociedade está programada para atingir, isso por conta das fortes influências do Iluminismo<sup>4</sup>, reforçadas pelo Marxismo<sup>5</sup>, em que há uma visão evolucionista do progresso da humanidade. Em passagem, o autor afirma: “A questão é reconhecer os contornos do nosso novo terreno histórico, ou seja, o mundo em que vivemos” (CASTELLS, 2005, p. 18). Para Castells (2005), introduzir a tecnologia da internet em uma escola, por exemplo, não será fator determinante para uma mudança social, e sim a forma como a tecnologia será utilizada, onde e por quem.

As Redes inicialmente eram utilizadas no meio científico, seguindo então para organizações governamentais. Nesta fase, a Rede estava concentrada em apenas uma organização, que futuramente foi desenvolvendo novas vertentes para que elas fossem usadas de diferentes maneiras, por diferentes usuários. A concentração do uso das Redes era e ainda é privilégio de países desenvolvidos. Nações em desenvolvimento, mesmo nos dias atuais, não possuem o mesmo nível de acesso de países em que o desenvolvimento, em várias esferas, já é uma realidade.

Na obra *A Sociedade da informação e seus desafios*, o autor Jorge Werthein (2000) discorre sobre a temática, ressaltando que, mesmo com todos os bônus oferecidos pela sociedade em redes, é preciso estar muito atento aos riscos que ela pode trazer, como questões éticas, por exemplo. O que antes era apenas uma teoria, hoje já se pode apresentar como realidade. A sociedade de redes, segundo o autor, poderia ameaçar empregos, a segurança dos usuários, gerar a perda do sentimento de controle da vida própria e até mesmo perda da identidade, fatos que são frequentemente vistos como consequências do uso das redes (WERTHIEN, 2000).

---

<sup>4</sup> Período histórico marcado por avanços da ciência e da sociedade.

<sup>5</sup> Método de análise desenvolvida por Karl Marx relativo à sociedade e suas classes.

O novo paradigma estabelecido pela sociedade de redes vem cumprindo muitas de suas promessas iniciais. A Rede está em constante mudança e isso se deve ao desejo e à necessidade de seus usuários de adaptar ou até mesmo desenvolver novas formas de fazer com que informações sejam armazenadas e compartilhadas no espaço virtual.

## 2.2 A crise brasileira e a ultra polarização política

Os problemas e adversidades ligados à política brasileira não são feitos apenas dos dias atuais. Desde a colonização do Brasil, casos de injustiça e corrupção são registrados nas terras das palmeiras, perdurando por todas as fases de governança do país, chegando aos dias atuais.

Os estudos de como o Brasil teve seu desenvolvimento são fundamentais para que se possam analisar e buscar respostas para perguntas que pairam sobre a cabeça de muitos estudiosos e pesquisadores hoje. A escravidão brasileira acabou com a emblemática assinatura da Lei Áurea<sup>6</sup> pela Princesa Isabel, em 1888, mas a cultura relativa à prática não teve sua carta de alforria até hoje. O modelo escravocrata de senzalas e trabalhos não remunerados teve sua diminuição, mas, para Souza (2019), na obra *A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro*, a prática apenas mudou de forma e a população ainda continua refém de uma elite dominante.

O autor faz uma ampla análise de como o conceito de racismo foi substituído por culturalismo<sup>7</sup>, no Brasil e no mundo, e o quanto práticas de discriminação ainda acontecem e são entendidas pela grande massa como parte do processo. Nesse ponto, Souza (2019) é bastante crítico com relação à mídia e à forma como ela está pautada, com a divulgação de falsos discursos reproduzidos por personalidades reconhecidas que criaram um ponto de vista de fácil aceitação e penetração na cabeça dos brasileiros, mesmo que os fatos não sejam verídicos.

A desigualdade racial é um dos fatores responsáveis pelo sentimento de superioridade que transcende a cor da pele e acaba tendo seus efeitos na democracia dos indivíduos. O dinheiro não é visto como fator determinante para o autor e sim o poder social que cada pessoa ocupa. O dinheiro está apenas ancorado nesse poder e o torna ainda mais expressivo em um país em que a desigualdade social é uma das principais características.

O maniqueísmo<sup>8</sup> dividido entre o bem e o mal também é aplicado na política brasileira, mas esse é um ponto que necessita de atenção especial. Os desafios no cenário político atual

---

<sup>6</sup> Lei Imperial que extinguiu a escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888.

<sup>7</sup> Papel da cultura na explicação de fenômenos sociológicos individuais ou coletivos.

<sup>8</sup> Divisão feita pelo filósofo do século III Manes, em que existe apenas o bem e o mal mundo.

são resultados de anos de falhas dos governantes, da mídia e de seus apoiadores. Foram criados paradigmas acerca do tema e que perduram, mesmo em meio a tantas mudanças. Souza (2019) afirma, em seu livro, que a verdadeira evolução social só ocorre quando paradigmas são quebrados, mas que isso raramente acontece justamente pelo fato de a sociedade estar em um estado quase que imutável de aceitação da sua realidade e não na busca por algo além de seu tempo.

Com a inerência de uma população, discursos maniqueístas relativos à política nacional e políticos que são apenas usados, segundo o autor como “aviõezinhos”, em comparação com o narcotráfico, a elite tem seu momento de glória ao trazer soluções que são tidas, de forma errônea, como a melhor opção para o Brasil, mas que, na maioria dos casos, acaba apenas privilegiando a própria classe. Souza (2019) cita a empresa Vale<sup>9</sup> como um exemplo de patrimonialismo usurpado pela elite. Para ele, a empresa era um bem nacional que poderia trazer grandes vantagens financeiras ao país, mas que, atualmente, gera lucros quase insignificantes para a nação.

Governantes também ocupam uma parcela no sucateamento da mineradora, mas, por trás deles, existem empresas e entidades comandadas por “figurões” não conhecidos pela massa, que acabam tendo apenas políticos reconhecidos na mídia para culpar quando, de forma mínima, concluem que a realidade do país poderia ser diferente. Sem quebrar nenhum paradigma, a população escolhe para quem apontar suas lanças; a mídia contribui, mostrando o caminho e, neste momento, é escolhida a camisa de qual time, ou seria partido, cada um usará, transformando tudo e qualquer coisa em um grande grenal<sup>10</sup>.

O maniqueísmo da política brasileira, citado anteriormente, foi fortalecido por movimentos que marcaram o Brasil nos últimos anos. Em 2013, as Jornadas de Junho foram um importante movimento político no país. Elas começaram na cidade de São Paulo, com reivindicação relativa ao aumento da tarifa do transporte público e logo o calor das manifestações em praça pública se espalhou pelo país. A cada dia, mais brasileiros tomavam as ruas, levantando diferentes pautas para as manifestações. O ano seguinte foi marcado pelo início das Operações da Lava Jato, que hoje caminha para um triste fim. O ano de 2014 também foi marcado pela reeleição da Presidente Dilma Rousseff, que, dois anos depois, acaba sofrendo Impeachment como resultado de uma série de acontecimentos. Já em 2018, houve então um

---

<sup>9</sup> Mineradora multinacional brasileira que opera no Brasil, Canadá e Indonésia, sendo a maior produtora de níquel, minério de ferro e pelotas no mundo.

<sup>10</sup> Partida de futebol entre os times Grêmio e Internacional, ambos do Rio Grande do Sul.

dos grandes marcos da polarização da política nacional: a eleição do direitista Jair Bolsonaro. Tais movimentos serão analisados de forma mais completa no decorrer deste trabalho.

### 2.2.1 Jornadas de Junho-2013

A expressão “é impossível agradar gregos e troianos” é conhecida desde os primeiros registros da Guerra de Troia<sup>11</sup>. Já no Brasil, em 2013, o que se tornou impossível foi atender à demanda de pedidos feitos por manifestantes que tomaram as ruas em mais de 350 municípios de norte a sul do país, reivindicando mudanças pautadas no transporte público, saúde, segurança, direitos humanos e diversas outras áreas.

O aumento em vinte centavos da tarifa do transporte público em São Paulo foi o estopim para que parte da população fosse às ruas da capital paulista entoando dizeres e carregando cartazes pedindo a redução do valor. Mas essa seria somente a primeira pauta trazida por pessoas que se mostravam insatisfeitas com seus governantes e os rumos que o país tomava na época.

O professor de Ciências Políticas, André Singer, explana sobre o período na obra *Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas* (SINGER, 2013), dividindo as manifestações em três momentos: o primeiro deles seria justamente a reivindicação dos 20 centavos em São Paulo, que foram organizadas por meio das redes sociais pelo grupo MPL (Movimento do Passe Livre); já a segunda parte do movimento foi a que teve mais adesão da população em geral, que se juntou aos protestantes do movimento anterior, após os episódios em que a Polícia Militar interveio de forma agressiva contra os manifestantes. Também foi nesse momento que o objetivo das manifestações se tornou vago, já que, com milhares de pessoas nas ruas pedindo de forma não ordenada por diferentes ações, não havia um objetivo final estabelecido; por fim, o autor descreve a terceira parte dos movimentos como ainda mais desordenadas.

Cada região/cidade pedia por aquilo que era visto como necessidade maior, cabendo, assim, aos governadores ou prefeitos a efetividade de tais mudanças, ao par que os eventos aconteciam de forma nacional. Nesse período, o Brasil sediava a Copa das Confederações<sup>12</sup> e

---

<sup>11</sup> Embate bélico entre gregos e troianos entre 1330 a.C. e 1200 a.C.

<sup>12</sup> Torneio de futebol organizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), com a participação das seleções campeãs continentais, em soma à campeã mundial e à seleção do país que sedia a edição.

se torna mais difícil compreender quem está indo para as ruas por reivindicações legítimas ou aqueles que estavam no *modus operandi*<sup>13</sup> de tomar as ruas por qual motivo fosse.

De todos que fizeram seus cartazes e foram às ruas, 43% deles, nas cidades consideradas por Singer (2013), possuíam diplomas universitários; em margem próxima, estavam os acadêmicos, assim como os que concluíram o ensino médio. As Jornadas de Junho foram protagonizadas por jovens, que ocupavam uma nova classe social e que buscavam seu lugar na sociedade, já que não eram considerados classe média alta, mas dispunham de oportunidades ligadas à educação (em referência ao Prouni – Programa Universidade para todos).

[...] as pesquisas apontam uma incidência expressiva da metade inferior da pirâmide nas manifestações. Seria a confirmação de que o novo proletariado ou precariado, conforme sugerido por alguns autores, foi para as ruas. Se considerarmos que a maioria dos manifestantes era jovem, tendo entrado recentemente no emprego [...], a hipótese torna-se plausível (SINGER, 2013, p. 31).

As redes sociais tiveram papel fundamental para a disseminação dos ideais das manifestações e para a organização dos movimentos, já que a maioria deles teve sua data, local e horário marcados por meio do *Twitter*, *Facebook* e *WhatsApp*. Com isso, as plataformas digitais se tornaram meios para ser publicado o que a mídia não colocava no ar, ora por escolha, ora por não conseguir de fato acompanhar os protestos, devido aos seus tamanhos e proporções. Nesse cenário, os protestantes fizeram, em parte, o trabalho do jornalismo: “os próprios manifestantes publicavam textos, fotos e vídeos sobre os protestos, trazendo uma versão diferente daquela divulgada pelas mídias tradicionais, sobretudo jornais impressos e telejornais” (QUEIROZ, 2017, p. 3).

O cenário então mudou: antes, apenas consumidores; agora, produtores de notícias. As redes sociais e seus engajamentos permitiram que os insatisfeitos com os governantes e suas políticas adotadas pudessem organizar e participar de eventos que entraram para a história nacional e que até hoje têm seus efeitos, positivos e negativos, sentidos.

### **2.2.2 Operação Lava Jato**

Em meio a uma acentuada crise econômica e uma crise política, que se intensificava ainda mais, em março de 2014, é deflagrado o início das Operações Lava Jato, uma investigação

---

<sup>13</sup> Expressão em latim que significa “modo de operar”, em que ações são praticadas sempre da mesma forma.

da Polícia Federal, que tem como intuito o combate à corrupção no Brasil. Com isso, ressurge, no povo brasileiro, algo que se assemelha ao sentimento de esperança na recuperação da nação que tem em sua história períodos críticos ligados a seus governantes.

Já se passaram anos desde o começo da Lava Jato e o seu final não tem data prevista. Nesse período, diversos nomes já foram notícia em meio a denúncias, investigações e até mesmo prisões de políticos e doleiros<sup>14</sup> envolvidos em escândalos de corrupção. O Congresso Nacional é um dos principais palcos da Lava Jato e passou por mudanças conforme as operações se intensificavam. Os estudiosos Fábio Kerche e João Feres Júnior abordam, na obra *Operação Lava Jato e a Democracia brasileira* (KERCHE; FERES JÚNIOR, 2018), pontos das investigações que contribuíram para a polarização da política brasileira. Em trecho, os autores destacam o caso do Deputado Federal André Vargas, que perdeu seu cargo por quebra de decoro parlamentar<sup>15</sup>. Vargas era só o primeiro nome da lista do então Juiz Federal Sérgio Moro, que atuava como um dos magistrados à frente das investigações na época. Com o caso do Deputado, é feita então a comparação com a operação italiana *Mani Pulite*:

O caso Italiano é conhecido por ter desvendado um dos maiores esquemas de corrupção já visto em uma democracia ocidental. Como consequência, teve grande influência sobre o sistema partidário e eleitoral, com o indiciamento de 338 ex-deputados e 100 ex-senadores e a extinção de partidos políticos, desembocando na “crise da Primeira República Italiana” (KERCHE; FERES JÚNIOR, 2018, p. 32).

Em 2015, a Lava Jato continua sendo assunto nos noticiários, nacionais e internacionais, e ganha destaque novamente, quando a Procuradoria Geral da República apresentou ao Supremo Tribunal Federal o pedido de abertura de 30 inquéritos, envolvendo mais de 50 pessoas, das quais 49 tinham foro privilegiado. Seria essa a sequência da lista de Sérgio Moro citada anteriormente. Com a instabilidade dentro do Congresso, gerada em partes pela tensão das operações, a ex-presidente Dilma Rousseff perde muitos de seus apoiadores, o que culminou futuramente no seu Impeachment, em 2016. Esse tema será abordado de forma mais densa posteriormente neste trabalho.

Segundo o portal G1 de notícias (2017; 2019), em mais uma de suas etapas, a Lava Jato caça Eduardo Cunha, que, na época, ocupava o cargo de Presidente da Câmara dos Deputados. Ele foi preso por decisão de Moro, sendo acusado de lavagem de dinheiro e de receber propina em contrato ligado à Petrobras. Atualmente, Cunha está preso por evasão de divisas e corrupção. Quem também virou réu das operações anticorrupção foi o ex-deputado Aécio

---

<sup>14</sup> Pessoa que compra e vende dólar no mercado paralelo.

<sup>15</sup> Respeito às regras de convivência que incluem moral e ética e condutas que são pré-estabelecidas.



Neves, indiciado por corrupção passiva e obstrução judicial das investigações da Lava Jato. As denúncias vieram à tona quando Joesley Batista afirmou que efetuou o pagamento de dois milhões de reais em propina para Aécio. Posteriormente, foi constatado que ele influenciava de forma direta nos bastidores do Congresso, aprovando medidas legislativas que impediam a apuração e a efetividade das punições de pessoas ligadas a crimes investigados na Operação.

Retomando o estudo de Kercher e Feres Júnior (2018), é possível concluir que, assim como destacado por eles, na Câmara dos Deputados e para o Senado, as denúncias, com exceção dos nomes já citados anteriormente, a soma de Delcídio do Amaral, a rotina no Congresso Nacional continuava a mesma que antecedeu a Lava Jato.

Com análise mais uma vez na obra de Souza (2019), *A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro*, o patrimonialismo volta a ser discutido neste trabalho, já que, para autor, ele é um dos pontos que legitima a Lava Jato para a grande massa. O autor destaca três nomes: Deltan Dallagnol, colocado por ele como “intelectual” da Lava Jato; Roberto Barroso, como representante das frações centrais; e, por fim, Fernando Haddad, tido como representante da esquerda. Com isso, o autor apresenta os três em semelhança, por serem defensores do patrimonialismo brasileiro. Isso exemplifica de forma concreta o fato de, mesmo sendo pessoas com visões diferentes, o patrimonialismo em si é aceito por todas as esferas.

Extremamente crítico e direto, o autor ressalta que “A operação Lava Jato foi, desde o começo, uma caça aos petistas e a seu líder maior como forma de garantir e assegurar a distância social em relação aos pobres que não os torne tão ameaçadores como eles haviam se tornado com Lula” (SOUZA, 2019, p. 204). Ele ainda completa, questionando onde estão os “camisas amarelas”<sup>16</sup>, agora em um cenário em que a corrupção ainda é realidade, já que a Lava Jato não foi capaz de cumprir com suas premissas até hoje.

### **2.2.3 O surgimento da Nova Direita**

Com análise sociológica baseada em mais de 200 entrevistas, Souza (2018) aborda em seu livro *A Classe Média no espelho*, a formação de uma nova classe em meio aos ocorridos citados anteriormente neste trabalho, como propulsores da solidificação da Nova Direita brasileira. O autor desconstrói o senso comum de que os integrantes da Classe Média brasileira

---

<sup>16</sup> Manifestantes que pediam pelo fim da corrupção, vestindo roupas com as cores da bandeira nacional.

são determinados somente por sua renda mensal e sim por uma série de fatores, como o acesso à informação, estudo e bens materiais.

Essa nova classe tem como característica a busca por maior liberdade e mudanças governamentais. Nesse contexto, o autor conclui que a Classe Média se entende de forma equivocada como elite, e, por meio disso, cria a ilusão de que ocupa uma posição social da qual nem mesmo está perto, apoiando assim representantes políticos que beneficiam somente o topo da pirâmide social brasileira.

Os fantasmas do Período Militar iniciado em 1964 no Brasil são notórios, simbólicos e significativos em diversas frentes da sociedade até os dias atuais. O período de alta censura e perdas dos direitos civis mantiveram, mesmo depois de seu fim, uma forte associação a partidos de Direita, que passaram a ser mal vistos por uma parcela expressiva da população brasileira. No início dos anos 2000, ser de Direita era algo visto como constrangedor. Rocha (2018) utiliza o termo “direita envergonhada” para se referir a esses.

No ano marcado pelo pentacampeonato da seleção brasileira masculina de futebol, a eleição do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva como Presidente da República movimentou o cenário político no Brasil. De acordo com a autora, a Direita estava abalada historicamente, possibilitando assim que o partido de Lula ganhasse destaque no período de candidatura, com promessas de manter o governo ortodoxo, agradando assim o mercado e o meio empresarial, dois grandes campos de eleitores. O petista foi eleito em 2002, com votos oriundos de todas as classes da pirâmide social e teve, nos anos seguintes, o aumento de sua popularidade.

Mesmo com adversidades enfrentadas pelo Presidente, como a alta do dólar e quedas bruscas da Ibovespa, a sua popularidade só foi afetada negativamente em 2005, com o escândalo do Mensalão<sup>17</sup>, que diferentemente de acontecimentos muito semelhantes, ganhou um destaque jamais visto na mídia. Com isso, Lula começou a perder apoiadores, dentro do senado e em meio à população, que passa a ter dúvidas sobre a integridade do Presidente.

Além de provocar renúncias de ministros-chave na gestão petista, o escândalo político teria impacto na imagem do Partido dos Trabalhadores, contribuindo para o aumento da desconfiança em relação ao sistema político por parte da população (ROCHA, 2018).

Já em 2006, em meio a todos os escândalos envolvendo o Mensalão, o Partido dos Trabalhadores lança Lula novamente como candidato à Presidência da República. A realidade era diferente da vista em 2002; neste momento, o ex-metalúrgico já não dispõe da mesma quantia de apoiadores da campanha que ocorreu quatro anos antes, e, com isso, é gerada uma

---

<sup>17</sup> Escândalo durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva sobre a compra de votos.

certeza de que seu opositor, o tucano Geraldo Alckmin, teria mais votos nas urnas, elegendo-se assim ao cargo mais alto do executivo brasileiro. Tal ideia não se concretiza e Lula vence as eleições presidenciais de 2006.

É nessa época de mensalão e eleições que grupos direitistas começam a se movimentar. Mesmo com suas vergonhas históricas, eles encontram nas redes sociais a possibilidade de discussão e compartilhamento de ideias que destoam das premissas do governo petista. Rocha (2018) destaca o *Orkut*<sup>18</sup> nesse momento. A rede se popularizou rapidamente no Brasil, quando comparada a outros países, e se tornou uma espécie de *Ágora* para aqueles que, em meios acadêmicos, ainda eram fortemente criticados por seus ideais, surgindo o então *Contra partido Digital*, que, com o passar dos anos e deslizes dos políticos petistas, atraiu mais apoiadores, que se organizavam por meio das redes.

O ambiente de ampla liberdade proporcionado pelo *Orkut* atraía justamente pessoas que não se sentiam representadas nos debates que ocorriam em públicos dominantes, inclusive até mesmo aqueles que não se sentiam representados em debates nas próprias comunidades do *Orkut* passaram a criar as suas próprias comunidades (ROCHA, 2018).

Tem início, então, um fenômeno que se estende até hoje. Antes envergonhados, agora orgulhosos, os direitistas tomaram as redes sociais, ao passo que Lula tinha sua popularidade em baixa e Dilma Rousseff, como sucessora dele, não conseguia manter os padrões dos governos anteriores. Assim como já citado neste artigo, a crise econômica, as Jornadas de Junho, a Lava Jato e o processo de Impeachment no ano de 2016 alavancaram os ideais e as críticas de quem tem a Direita política como ideologia. As redes sociais foram tomadas por estes, que se organizavam a par de ter o domínio, em quantidade, primeiramente no *Orkut*, e depois em redes sociais que o sucederam, como *Facebook*, *Twitter* e o *WhatsApp*.

Para Rocha (2018), o auge da Direita é atingido a partir do ano de 2018, com a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, que, com muitos apoiadores, trazia pautas e promessas ultraliberais-conservadoras. Tais princípios foram seguidos por essa nova classe média, que abraçou a agenda anticorrupção e o discurso patrimonialista. Nesse momento, Bolsonaro e seus simpatizantes ocupavam as redes sociais e defendiam os valores da classe média; esquerdistas ou centristas tinham contas e perfis quase insignificantes, em comparação ao atual presidente.

---

<sup>18</sup> Rede Social criada em 2004, em que era possível realizar uma série de atividades, como a postagem de fotos, textos etc.

## 2.2.4 Eleições de 2014, o processo de Impeachment e a eleição de Bolsonaro

Como descrito anteriormente, o Brasil passa por uma crise política que se desencadeou em meio a promessas de governos que não saíram do papel, o nascimento de uma nova classe social, o posicionamento partidário por parte das mídias e eventos que, com o passar dos anos, juntavam-se à bola de neve que cresce ainda hoje.

Seguindo o calendário eleitoral, no segundo semestre de 2014, foi realizada a eleição para Presidente da República, em que os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves tiveram a menor diferença em votos desde 1988, chegando inclusive a disputar o segundo turno. Nesse momento, o PT e a Presidente da época estavam com sua popularidade e credibilidade afetadas. Dilma ganha as eleições por apenas 3% a mais de votos do que seu oponente. Kercher e Feres Júnior (2018) destacam que, logo após a anúncio da apuração total das urnas, pessoas insatisfeitas com o resultado saem às ruas, como forma de protesto, começando assim uma série de ataques à presidente.

No ano seguinte a sua reeleição, Dilma perde apoiadores dentro do congresso, inclusive da base petista, por abandonar parte de suas promessas eleitorais. Nesse momento, o PIB baixa e a Lava Jato segue a todo favor. Assim, o cenário de instabilidade é instaurado e políticos como Michel Temer tiram proveito da situação.

Em 2015, o vice-presidente lança o projeto “Um plano para o futuro”, que seria o passo inicial para a abertura do processo de Impeachment da petista, que Santos (2016) trata, em seu livro *Por que Gritamos Golpe?*, como de fato um golpe. Já em dezembro do mesmo ano, o Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, aceita o pedido do processo de Impeachment de Dilma, com alegações de crime de responsabilidade com relação à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa. Por meio de 367 votos favoráveis ao golpe e 137 contrários, Dilma Rousseff, a primeira mulher a ser presidente do Brasil é deposta de seu cargo.

A sessão de votos foi transmitida ao vivo e nacionalmente, mostrando a escolha de cada Deputado, em que muitos deles ignoram a Constituição Brasileira e citam Deus em suas falas, a exemplo Eduardo Cunha, que, ao dar seu voto favorável ao Impeachment, pronunciou a seguinte frase: “Que Deus tenha misericórdia dessa nação”. Assim como o cristianismo, a família e a tradição também faziam parte da fala dos votantes.

Para Santos (2016), o objetivo do golpe foi interromper a democracia, já que Dilma foi deposta por meio de leituras elásticas da Constituição. E, assim como apontam também outros teóricos, as classes sociais são fatores determinantes no processo. Movidos por ideias

neoliberalistas, a nova Classe Média tem força social e passa a questionar questões políticas. A mobilidade social fez com que pessoas saíssem da pobreza e tivessem acesso a bens e oportunidades que nenhum outro governo proporcionou.

Mesmo depois de perder seu cargo, Dilma Rousseff não se cala diante o povo brasileiro. Em discurso (YOUTUBE, s.d.) com a presença de seus apoiadores políticos, mídia e população, ela afirma: “O golpe é contra o povo e contra nação, o golpe é misógino, o golpe é homofóbico, o golpe é racista. É imposição da cultura da intolerância, do preconceito e da violência [...]” (ROUSSEFF, 2016) e dedica sua fala aos 54,5 milhões de pessoas que votaram nela e a todos aqueles que saíram da invisibilidade social durante o seu governo.

Temer então assume a Presidência da República e represálias a sua pessoa são feitas em todo o país, o que abala ainda mais sua credibilidade, que nunca foi modelo. A crise que antes era apenas econômica e política atinge nesse momento novas esferas e passa a ser considerada, por estudiosos como Almeida (2019), uma crise geral, inclusive social. A falta de identificação partidária e política fizeram com que brasileiros conservadores, individuais favoráveis à intervenção militar e ações do mesmo viés e evangelistas buscassem por novos representantes para os cargos que até então eram ocupados por esquerdistas e suas pautas que destoam, em partes, dos valores prezados por esse campo de eleitores.

Quem ganha destaque nesse momento é Jair Bolsonaro, ex-militar, que trazia em suas falas discursos regados de preconceitos. Ao se juntar a Hamilton Mourão, general da reserva brasileira, e intensificar suas declarações por meio de mídias online, Bolsonaro ganha cada dia mais apoiadores. Essas pessoas foram fundamentais para a eleição do atual presidente, não só por votarem 17 nas urnas, mas por, antes disso, tomarem as redes sociais. Além de repercutirem seus discursos, seus eleitores também produziram *fake news* sobre os oponentes e não mediram esforços para colocar no ar informações e dados negativos sobre outros partidos, principalmente sobre o PT.

O ano de 2018, segundo Almeida (2019), foi marcado por incertezas. A fala do autor se refere a quem realmente o Partido dos Trabalhadores lançaria como candidato à Presidência da República, havia dúvidas sobre um possível novo golpe ainda no governo de Temer e processos judiciais que corriam envolvendo nomes de políticos que disputaram, no segundo semestre daquele ano, cargos públicos.

Não sendo exclusividade do Brasil, em 2018, os partidos de esquerda já não tinham mais a mesma força do que no começo do século. Isso aconteceu também com outros países da América Latina no mesmo período. Segundo Almeida (2019), escândalos como o Mensalão abalaram o principal partido opositor de Bolsonaro, já nos seus primeiros anos de governo. A

ida à rua de milhares de brasileiros, em 2013, criou uma lacuna de entendimento sobre a política brasileira e operações da Polícia Federal voltadas para o combate à corrupção e legitimou a ideia de necessidade de mudanças políticas. Sem participar de debates e reproduzindo discursos que agradam parte da população brasileira, o direitista cresceu nas pesquisas para o cargo mais alto do executivo e consagrou-se, de fato, Presidente da República após o segundo turno das eleições, em 28 de outubro de 2018.

### **2.3 Ciberativismo**

A popularização das redes sociais mudou a forma de entretenimento e, também, da comunicação para a sociedade brasileira. Informações que antes eram veiculadas apenas em meios de comunicação tradicionais, como rádios, televisões e jornais impressos ganharam espaços em meio à rede. Pautas que antes eram apenas discutidas no meio físico passaram para o digital e, com isso, conforme aponta Recuero (2012), houve o que a autora chama de: conversações, faces e ameaças à face. Para ela, as conversações são entendidas como um fenômeno que não nasceu na internet, e que sim migrou para lá; é por meio das conversações que se torna possível a compreensão das ideias e ideais de outros indivíduos, crescendo no meio digital a partir da necessidade de comunicação entre as pessoas.

Com o surgimento das redes, as conversações se tornaram mais abrangentes. Segundo a autora, isso decorre dos seguintes fatores: na internet, o que foi publicado permanece ali, possibilitando uma segunda análise ou contestação; ferramentas de buscabilidade, ou seja, maior praticidade para pesquisar algo; possibilidade de replicação de mensagens; presença de audiências invisíveis.

A internet e sua democratização tornam as redes sociais espaços para além do simples compartilhamento, os debates também integram os conteúdos nelas publicados. Recuero (2012) então aborda o fato de pessoas que possuem pouca intimidade ou até mesmo que não se conhecem possam interagir, por meio do que ela chama em sua obra de faces, conceito que faz referência à personalidade individual criada no ciberespaço. Para que as conversações tenham suas evoluções, é necessária uma espécie de cooperação entre os atores; é por meio de interações, compartilhamentos e debates que uma face é legitimada ou não. Para Recuero (2012), a Hiperconexão das redes sociais culmina na reunião de atores com diferentes opiniões e ideologias, o que pode gerar conflitos e até mesmo episódios de violência. São esses episódios que causam as ameaças à face. As telas são capazes de encobrir rostos e CPFs e, com isso, parte

de seus usuários criam o *troll*<sup>19</sup>, ato que é prejudicial às conversações, por criarem falsas verdades e comprometerem números e dados significativos nas redes.

Mesmo sendo bastante populares no Brasil, as redes sociais não possuem leis claras e que amparem todas as esferas que as envolvem, o que as torna o cenário ideal para a repercussão de discursos de ódio, que, em muitos casos, são mascarados como liberdade de expressão. Rothenburg e Stroppa (2015) discorrem sobre a dualidade das abordagens feitas nas redes sociais no artigo *Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais* e explanam divergências comuns. Para eles, a pluralidade brasileira é convergida nas redes, onde discursos diferentes são publicados, aumentando o dissenso entre seus usuários. Porém, expressões de ódio são inconstitucionais e não contribuem para a formação de novos conceitos ou acrescentam em discussões sociais, por isso, são desprezíveis e desnecessários. “O direito de expressão não goza de uma preferência incondicionada, sendo suscetível de restrição em razão da concorrência negativa de outros direitos fundamentais e bens constitucionais, como ocorre quando há divulgação de discursos discriminatórios” (ROTHENBURG; STROPPIA, 2015, p. 7).

O ativismo presente nas redes sociais tem diversos propulsores. Alcântara (2015) ressalta a história como um deles e ainda salienta que esses tiveram seu início junto ao surgimento das primeiras redes. O termo ciberativismo faz referência ao movimento realizado por um grupo de pessoas que se reúnem na internet para analisar, discutir, debater fatos e opiniões, protestar e reivindicar direitos ou organizar ações políticas que extrapolam a rede. Tendo em suas vantagens a facilidade de acesso, em geral, qualquer indivíduo que tenha internet pode participar da ação. Alcântara (2015) aponta como marco inicial do ciberativismo as revoltas de Zapatistas, no México, em 1994. Foi nesse momento que surgiram termos e ações que são utilizados até hoje, a exemplo dos hackers, que tiveram importante participação durante as revoltas. Em seguida, em 1999, a Batalha de Seattle é vista pela autora como o evento que desenvolveu a prática, ao criar uma vertente que se espalha pelos quatro cantos do mundo.

Com ferramentas em mão, descontentamento e possibilidade de agir remotamente, o ciberativismo ganhou praticantes e maiores aderências. De acordo com a autora, a Primavera Árabe foi um dos eventos em que o movimento teve grande destaque. As guerras civis que ocorrem até hoje foram e ainda são divulgadas, compartilhadas e até mesmo incitadas nas redes.

No Brasil, o ciberativismo ganha proporções notáveis em 2013, quando eventos de tomadas às ruas em protesto ao governo foram organizados por meio das redes sociais, que

---

<sup>19</sup> Consiste em ações virtuais, que ferem outras faces, por meio de uma face não identificada de forma legítima.

serviram como ferramentas, utilizadas pelos manifestantes para convidar e convocar seus iguais a tomarem as ruas do país. “Ao se pensar as Jornadas de Junho em sua estratégia de mobilização, chama a atenção o papel das redes digitais como o *Facebook* e o *Twitter* no sentido de catalisar e de fazer circular sentimentos, opiniões, reclamações e denúncias” (FERREIRA, 2016, p. 11).

As redes sociais, neste momento, tinham papel fundamental nos atos que, no meio online, eram disseminados a todo o momento pelos próprios manifestantes: “o que se percebe é que as relações sociais e de participação popular mudaram substancialmente, sendo possível perceber o estreito elo entre rua e rede, afinal, pautas diferentes foram aderindo aos protestos dia após dia” (CARVALHO; SIQUEIRA, 2019, p. 12). As manifestações foram ganhando força e corpo e, a cada nova ida à rua, mais brasileiros se juntavam às ações. Datas, horários e locais eram combinados e divulgados por meio das redes sociais, onde as *hashtags* em apelo aos movimentos dominavam o *Trending Topics*, fazendo com que as publicações relativas às manifestações ganhassem cada vez mais destaque e fossem mais buscadas por quem apoiava ou simplesmente tinha o intuito de acompanhar as ações.

## 2.4 *Hashtags*

As linguagens e ferramentas usadas e disponíveis na internet têm o seu papel dentro do ciberativismo. Uma delas é o uso das *hashtags*, que possibilitam uma conexão entre tudo o que é publicado em uma mesma rede social ao se fazer o seu uso. No *Twitter*, rede social em que este trabalho tem o seu foco, ela assume tal papel.

Uma *hashtag* no *Twitter*: como dá uma dimensão contextual, amarra também uma determinada conversa, que pode ser seguida por outros atores que, a qualquer momento, podem tomar um turno e adicionar participação. Embora muitos desses atores estejam invisíveis porque ainda não participaram, eles também leem e recebem as mensagens que são publicadas (RECUERO, 2015, p. 5).

A ferramenta e todas as possibilidades que a permeiam foram os temas escolhidos por Claudiene Diniz da Silva para discutir em sua tese de Doutorado. Ela faz uma ampla análise da *hashtag* no viés da semântica da enunciação. Segundo o estudo da autora, a palavra *hashtag* tem origem inglesa e é a junção dos termos cerquilha (*hash*) e etiquetas (*tag*), sendo criada em 1990, mas adaptada e transformada em como é utilizada hoje no ano de 2007, por Jack Dorsey, o próprio criador do *Twitter*. De acordo com Silva (2017), a ferramenta foi criada para agrupar e organizar assuntos de um mesmo tópico dentro do microblog. Ao ser usada, a *hashtag*



apresenta um único bloco, formado por uma palavra ou mais e ainda “os caracteres que compõem as *hashtags* são de naturezas diversas, pois podem formar palavras (incluindo siglas e acrônimos), expressões, sentenças, mas também podem ser compostas por letras e números” (SILVA, 2017, p. 43).

O uso do símbolo da cerquilha nas redes sociais tem diversos objetivos. Silva (2017) escreve sobre isso com base em diversos autores, referenciados em sua tese, e apresenta a seguinte categorização das funções da ferramenta:

- (1) Categorizar/classificar/coordenar mensagens.
- (2) Agrupar/conectar/organizar assuntos comuns.
- (3) Facilitar a busca/acesso; tornar conteúdo pesquisável; encontrar assuntos comuns.
- (4) Filiar pessoas; criar redes; criar fóruns.
- (5) Funcionar como palavra-chave; indicar/resumir o conteúdo da mensagem.
- (6) Complementar a informação da mensagem.
- (7) Descrever o contexto; guiar a interpretação; aumentar a compreensibilidade.
- (8) Promover conteúdos, marcas, publicidade de produtos, eventos em tempo real.
- (9) Fornecer dados estatísticos.
- (10) Expressar emoções.
- (11) Atuar como modalizador enunciativo.
- (12) Ter fins lúdicos.
- (13) Criar formas de ativismo (SILVA, 2017, p. 37).

Para a autora, o objetivo final de cada mensagem que é precedida pelo símbolo da cerquilha está ligado à semântica dos caracteres que a compõem, sendo assim fundamental analisar cada qual separadamente.

A exploração dos lugares de uso das *hashtags* contribuiu para a popularização do símbolo. Inicialmente usada apenas em descrições e legendas, as *hashtags* passam a aparecer nas próprias fotos e vídeos que antes eram apenas acompanhadas por elas. Desde sua criação, a ferramenta migrou do *Twitter* para outras redes sociais e não parou por aí. O texto de Silva (2017) também versa sobre o uso das *hashtags* fora do ciberespaço, e quais seus efeitos.

A publicidade faz seu uso, sendo, assim, possível encontrar *hashtags* em outdoors, flyers e outros materiais publicitários. Mesmo sem a possibilidade dos chamados hiperlinks, o símbolo da cerquilha, quando usado no meio físico, ainda carrega algumas das características do espaço digital, como a possibilidade de promover marcas e realizar propagandas, ter fins lúdicos e criar formas de ativismo. As *hashtags* ainda podem ser encontradas em programas televisivos, marcas de vestuário, em decorações, ou ainda onde seu autor considerar pertinente. Não existem regras quanto ao seu lugar de uso.

## 2.5 Análise de conteúdo

A pluralidade dos conteúdos publicados em sites como o *Twitter* torna a análise desses conteúdos um processo que exige a compreensão das técnicas e discursos que permeiam a rede social. Diante da possibilidade da postagem de textos, fotos, vídeos, memes e *links*, serão analisados agora os discursos e como são incluídos em tais. A partir dos estudos desenvolvidos por Pêcheux (1988), a análise do discurso é entendida como uma série de avaliações sobre uma mesma mensagem, sendo de relevância o contexto em que ela está sendo propagada, o que possibilita que sejam realizadas interpretações diversas.

Com registro, de acordo com Gregolin (1995), desde a antiguidade grega, a Análise do Discurso é estudada e, diante disso, diversas teorias e perspectivas sobre ela foram criadas. Mas, para a autora, todas elas possuem uma semelhança: “O que as unifica, no entanto, é o fato de tomarem o seu objeto do ponto de vista linguístico e de procurarem, no texto, o estudo da DISCURSIVIZAÇÃO” (GREGOLIN, 1995, p. 2). Como método para compreender as camadas de um discurso, Gregolin (1995) caracteriza as etapas de análise dele em três níveis. O primeiro deles é o Nível Fundamental: nesse momento, é estabelecida uma relação de oposição entre dois termos.

Em seguida, é caracterizado o Nível Narrativo, no qual o sentido principal é gerado e os valores fundamentais do texto são expostos. Esse nível é ainda dividido pela autora em quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Aqui, os sujeitos são encaminhados as suas futuras ações, realizam tais e sofrem suas consequências, sejam elas boas ou ruins. Por último, o nível três ou Nível Discursivo, que é composto pelos fatos escolhidos pelo autor a serem abordados, é o ponto de vista que é contado. São esses os fatos e pontos que estabelecem a ligação entre enunciador e enunciatário.

O momento em que o discurso é produzido tem sua importância durante uma análise. Os fatores sociais e históricos influenciam diretamente na construção de uma mensagem e nas suas interpretações: “Para entender os sentidos subentendidos em um texto é preciso que o enunciador e o enunciatário tenham um conhecimento partilhado que lhes permitam inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio histórico a que o texto se refere” (GREGOLIN, 1995, p. 8). Diante disso, é possível compreender que a Análise do Discurso se baseia na busca por compreensão dos processos compreendidos desde os fatores que levam à produção da mensagem até o ponto em que ela é interpretada pelo enunciatário, sendo, assim, necessária a análise dos elementos linguísticos e históricos em que ele está introduzido.

### 3 “DO TWITTER PARA AS RUAS”: O CIBERATIVISMO NO BRASIL POR MEIO DAS *HASHTAGS* #VEMPRARUA, #FORAPT E #ELENÃO

#### 3.1 #Vemprarua

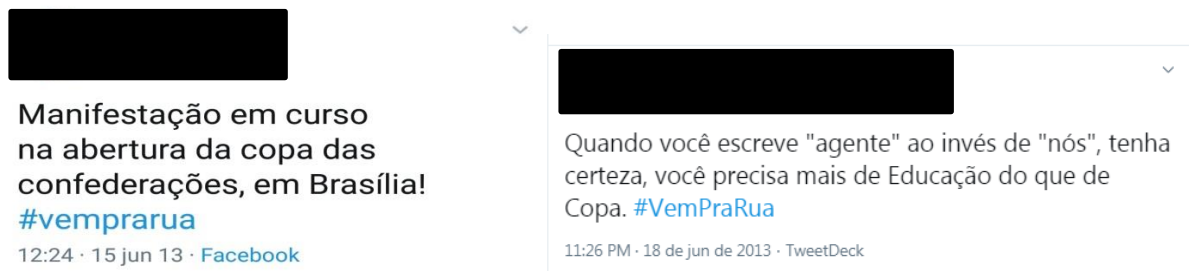
As manifestações de junho de 2013 tiveram números significativos nas ruas e nas redes. De acordo com matéria publica no site BBC News (2013), os números de *Tweets* com menções aos atos e reivindicações cresceram ao par em que as manifestações se espalhavam por todo o Brasil, sendo a maior participação dos internautas entre os dias 16 e 19 daquele mês. Como uma das *hashtag* mais usadas durante o período, a #vemprarua será agora analisada:

Figuras 1 e 2 – *Tweet* cartaz: Mané Garrincha e *tweet* cartaz: Era um país (...).



Fonte: *Twitter*. 17 junho 2013.

Figuras 3 e 4 – *Tweet* manifestações em curso e *tweet* “agente”.



Fonte: *Twitter*. 18 junho 2013 e *Twitter*. 18 junho 2013.

Como foi possível verificar nas publicações apresentadas nas Figuras 1, 2, 3 e 4, os gastos do governo com estruturas para a Copa do Mundo e das Confederações foram pautas levantadas durante as Jornadas de Junho. Passado o grande entusiasmo por sediar as competições futebolísticas, o povo brasileiro começa a notar a grandiosidade dos estádios e demais estruturas construídas ou reformadas para a realização dos eventos. Os *Tweets* analisados apresentam comparações entre saúde e educação, dois setores que necessitam de investimentos maiores por parte do Estado.

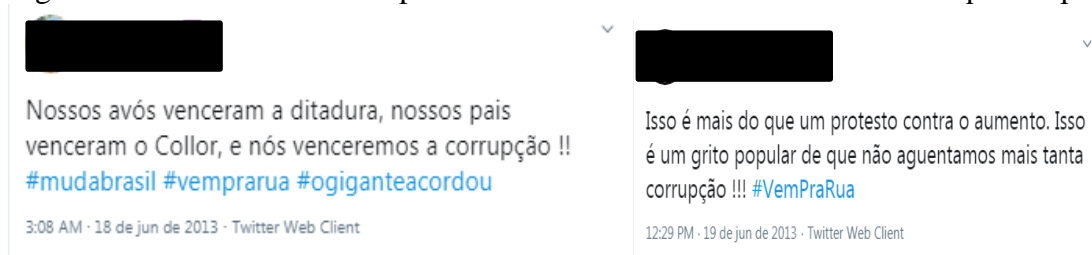
Para as competições de futebol masculinas, foram gastos 25,6 bilhões de reais, sete vezes mais do que o valor previsto no ano em que o país foi escolhido como sede dos eventos. As informações são do site O Tempo (2014), em matéria que apresenta um balanço do governo federal sobre os valores gastos, e também é retratado o fato de que as promessas iniciais em relação ao financiamento de todas as obras previstas seriam de iniciativas privadas, mas o que ocorreu foi que 83,6% do valor citado anteriormente saiu dos cofres públicos.

O dinheiro público também foi destinado a estádios de futebol em oito capitais brasileiras, incluindo Brasília, que na época construiu o quarto estádio mais caro do mundo, o Mané Garrincha, e teve obras prometidas para a mobilidade dos torcedores concluídas somente depois que a Espanha se consagrou campeão mundial, em 2014.

No mesmo ano em que o Brasil sediou a Copa das Confederações, foram divulgados números preocupantes em relação à taxa de reprovação entre alunos do ensino médio do Distrito Federal pelo portal de notícia G1 (2013). De acordo com pesquisas realizadas em 2011 pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), a média de reprovação no Distrito Federal era aproximadamente duas vezes maior do que a média nacional e a taxa de evasão escolar chegavam a 9,9%.

Não por coincidência, e justamente por indignação, as Jornadas de Junho e jogos da Copa das Confederações aconteciam simultaneamente, assim como se pode analisar no *Tweet* de Ulter Borsatto. Com preocupações em relação aos manifestantes e o decorrer dos jogos, a FIFA criou a chamada Zona FIFA: área em torno aos estádios à qual os protestantes não poderiam ter acesso, transformando, assim, de forma inconstitucional, um espaço público em espaço privado.

Figuras 5 e 6 – *Tweet* “nossos pais venceram Collor” e *tweet* “Isso é mais que um protesto”.



Fonte: *Twitter* 18 junho 2013. *Twitter* 19 junho 2013.

Figuras 7 e 8 – *Tweet* “E Então1” e *tweet* “Democracia sem corrupção”.



Fonte: *Twitter* 26 julho2013. *Twitter* 18 junho 2013.

Em um país marcado historicamente por atos de corrupção, a pauta é periodicamente levantada, e não foi diferente durante as manifestações nas Jornadas de Junho. Em meio a escândalos, como Mensalão, a credibilidade dos governantes em 2013 estava claramente abalada.

Diante dos seus deslizes, o governo do PT ficou fortemente ligado ao termo corrupção. Já no ano das manifestações, era possível notar a polarização política que se agrava nos anos seguintes. Os *Tweets* agora analisados fazem referências diretas ao termo, sendo permeados pelo senso comum de que a corrupção seria o grande mal do Brasil, visão destoante do autor Jessé Souza, que, em seu livro *A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro* (SOUZA, 2019), explana sobre a temática, relatando fatos e apresentando argumentos sobre os problemas sociais e políticos brasileiros estarem ligados diretamente ao período de colonização e a sua cultura histórica.

Na charge tuitada no perfil da figura setel, é possível notar a indignação em relação às reformas propostas pelo governo na época, sendo colocadas como impasse para que o Brasil se torne um país desenvolvido. Na legenda, a conta ainda faz menção direta à Reforma Política, que é considerada por muitos como necessária, mas ignorada pelos governantes.

Figuras 9 e 10 – *Tweet* “Charge de hoje” e *tweet* “Um país engraçado”.

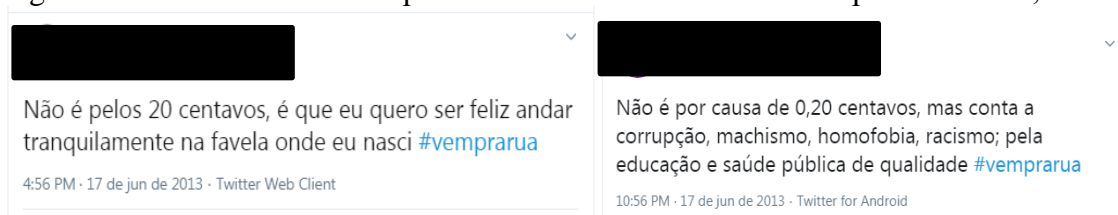


Fonte: *Twitter* 18 junho 2013. *Twitter* 17 junho 2013.

Um dos símbolos que aparece frequentemente em conteúdos publicados no *Twitter* durante a época dos protestos de 2013 é Guy Fawkes, figura britânica que ficou conhecida por conspirar contra o parlamento inglês. Já a máscara que possui seus traços ganhou destaque simbólico ao ser usado no Filme *V de Vingança* (2006), obra cinematográfica que retrata uma realidade distópica, em que o mundo está em guerra e o Reino Unido é um dos poucos países a se manter estável sob um regime totalitário. O enredo é marcado pelas ações do personagem V, que faz uso da máscara de Guy Fawkes em atos de oposição a seu governo.

A máscara vem de encontro ao sentimento de busca por mudanças e insatisfação com os governantes, pontos que motivaram os protestantes em junho de 2013. Assim como no filme, a imagem de Guy Fawkes é usada no Brasil para motivar mais pessoas a aderirem aos atos contra o governo.

Figuras 11 e 12 – *Tweet* “Não é pelos 20 centavos” e *tweet* “Não é por causa de 0,20 centavos”.



Fonte: *Twitter* 17 junho 2013.

Figuras 13 e 14 – *Tweet* “Chega de corrupção” e *tweet* “E você acha q é por 20 centavos”.



Fonte: *Twitter* 17 junho 2013. *Twitter* 15 junho 2013.

O Movimento do Passe Livre tomou a Av. Paulista em Junho de 2013, tendo como objetivo único à redução do valor da taxa do transporte público que havia sido aumentada em 20 centavos. Com a adesão da população, as manifestações e o Movimento ganham proporções nunca vistas anteriormente. Em poucos dias, ruas em todo o Brasil estavam lotadas por populares que desejavam novamente ocupar o espaço público, visando melhorias.

A pluralidade do Brasil foi notória ao analisar que, assim como nos *Tweets* apresentados nas figuras anteriores, o povo levantava suas próprias bandeiras, não sendo mais um movimento de pauta e objetivos únicos. Os 20 centavos ainda eram motivo de protesto, mas questões como direitos civis, educação, segurança e outras temáticas sociais foram levadas às ruas de forma dessincronizada, e assim divulgadas nas redes sociais.

Ainda à margem da sociedade, as minorias também tomaram o espaço público e o *Twitter*. Aquele era um momento em que todos buscavam por seus direitos, inclusive pessoas que possuíam pouca ou nenhuma representatividade no governo da época. Participantes da comunidade LGBT+, negros e mulheres, assim como citado na Figura 12, juntaram-se ao movimento e reivindicaram direitos dos quais as maiorias opressoras disfrutavam há anos.



O fato de a pauta não ser única corroborou para que os atos fossem disseminados por todo o país. Sendo aquele feito de tomada das ruas um momento para protestos em geral, e de acordo com o que cada participante considerasse digno de reivindicação.

### 3.2 #ForaPT

Assim como a *hashtags* #vempraruá, outra que ganhou destaque no *Twitter* foi a #forapt, que, sem dados precisos de sua origem, assumiu o Trending Topic nacional nos dias que antecederam o Impeachment da Presidente Dilma Rousseff, em 2016. As postagens com o uso da *hashtag* fazem menções depreciativas, tanto à Dilma quanto ao seu partido, e nelas é possível analisar traços do senso comum da sociedade brasileira, a polarização da política nacional e, também, ataques misóginos à Presidente.

Figuras 15 e 16 – *Tweet* “tem algum trabalhador” e *tweet* “ não foi só o cunha”.



Fonte: *Twitter* 30 agosto 2016.

As ideias e ideais criados em torno da sociedade brasileira estão estabelecidos e suas mudanças são raramente vistas. O *Tweet* em resposta à postagem do perfil @GloboNews é um perfeito exemplo de senso comum, em que manifestantes contrários ao processo de Impeachment são taxados como participantes do MST (Movimento Sem Terra), que, de forma errônea, são considerados por muitos como aproveitadores/desocupados ou ainda por termos de baixo calão.

O Processo de Impeachment não teve apoio somente na Câmara Federal; populares pediam pelo ato, mesmo antes das Jornadas de Junho, e, com o passar dos anos e a insatisfação



com o governo comandado por Dilma, o apoio ao Processo se tornava cada vez maior. De acordo com o portal de notícia UOL (2016), no dia 13 de março de 2016, mais de 3 milhões de pessoas saíram às ruas em atos contra a Presidente. As cores verde e amarelo eram protagonistas nas manifestações. O simbolismo das cores da bandeira foi ressignificado nos anos em que os atos eram frequentes, tornando-se, assim, uma marca registrada da população que era contrária ao PT e, nos dias atuais, é fortemente ligada à imagem do Presidente Jair Bolsonaro.

Figuras 17 e 18 – *Tweet* “Desculpa pela bagunça” e *tweet* “Caiu na Rede”



Fonte: *Twitter* 25 agosto 2016. *Twitter* 30 agosto 2016.

Figura 19 – *Tweet* “Fora corruptos”.



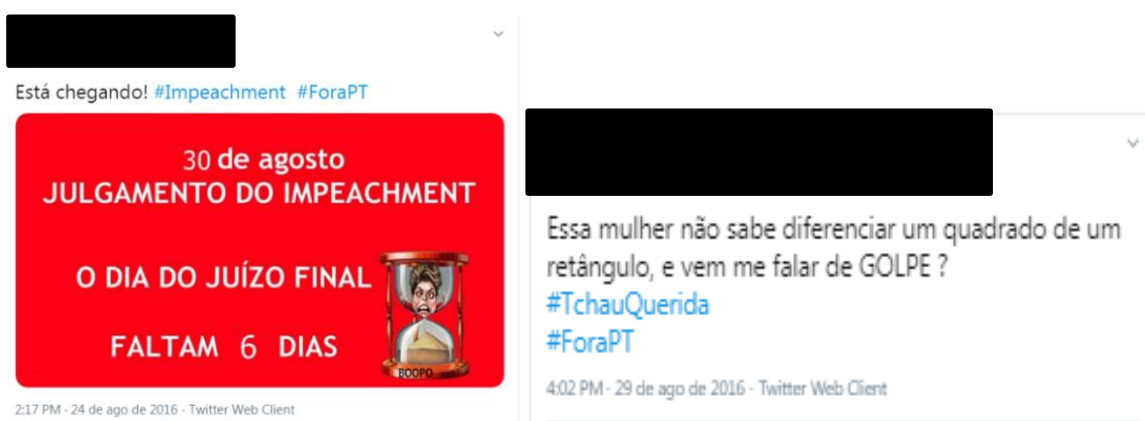
Fonte: *Twitter* 26 agosto 2016.

Em 2016, ano de postagem das publicações das Figuras 17, 18 e 19, a polarização política já era claramente notória. A corrupção como mal do Brasil é mais um dos sentidos comuns da população, que, em muitos casos, atribui as dificuldades do dia a dia, falta de recursos e demais fatores que os desfavorece como resultado exclusivo dos anos em que Lula e Dilma estiveram no cargo mais alto do Executivo.

O *Tweet* da Figura 17 retrata a visão de que justamente o PT é o problema maior do Brasil e que, com a sua saída, o país finalmente mudará. Na imagem, um homem engravatado é que aparece tirando o símbolo do Partido dos Trabalhadores da bandeira nacional, sendo possível assim compreender que é tarefa da população que ele representa tirar o PT daquele lugar. Já o *Tweet* de Paulo Madura é ainda mais claro quanto à polarização política, ao usar a seguinte frase “Quem não odeia o PT não Odeia Brasil! ”, fazendo uma associação direta ao partido e ao país, sem margem para uma visão menos maniqueísta.

As referências em relação à cor vermelha também aparecem com frequência quando pesquisados tais conteúdos. A cor do Partido dos Trabalhadores, não por coincidência, é a mesma da bandeira Comunista, ideologias que se opõem da maioria das pessoas favoráveis ao Impeachment. O vermelho também está ligado à bandeira de países em que o Comunismo tem parte importante na construção histórica, como Cuba e Venezuela, países que tiveram fortes nomes ligados a essas ideologias.

Figuras 20 e 21 – *Tweet* “Está chegando” e *tweet* “Essa mulher não sabe diferenciar”.



Fonte: *Twitter* 24 agosto 2016. *Twitter* 29 agosto 2016.

Figura 22 – *Tweet* “Contagem regressiva”.



Fonte: *Twitter* 22 agosto 2016.

Durante todo seu governo, Dilma Rousseff sofreu ataques misóginos, a primeira Presidente Mulher do Brasil teve, inúmeras vezes, seu nível de competência questionado, única e exclusivamente pelo fato de ser mulher. O Brasil é historicamente machista e, até hoje, vive em uma realidade em que homens recebem salários maiores, sofrem menos abusos e consequentemente têm mais oportunidades.

As publicações apresentadas nas figuras anteriores são ataques misóginos, que, por muitos, podem passar despercebidos em meio às normalidades estabelecidas socialmente, mas que, mesmo assim, ferem a imagem e pessoa de Dilma. Retratada diversas vezes de forma bastante caricata, ela aparece com semblantes de desespero. As duas charges anteriores retratam o fim de seu período como Presidente, sendo a primeira delas uma alusão ao juízo final, momento de condenação por todos os atos na crença cristã, em que, como veredito, Dilma se tornaria nada mais que pó.

Já na charge da Figura 22, ela é retratada perdendo sua faixa presidencial para um homem, seu vice, Michel Temer, que, de forma metafórica, tira seu cargo a passos lentos, mas muito bem articulados.

### 3.3 #Elenão

Como última, mas não menos importante, será analisada agora a *hashtag* #elenão, que mais uma vez transcendeu o meio digital para o físico. As duas palavras são destinadas a Jair Bolsonaro, sendo um apelo para que o direitista não ocupe o cargo de Presidente da República. Sem data precisa de uma primeira publicação que fez o uso da *hashtag* em questão tornou-se

um movimento que teve as mulheres como principais disseminadoras. De acordo com o portal de notícias, autodenominado esquerdista, Carta Maior (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018), foram essas as maiores manifestações de mulheres na história do Brasil.

Figura 23 – *Tweet* “Unidas lutamos para ter voz”.



Fonte: *Twitter* 29 outubro 2018.

Figuras 24 e 25 – *Tweets* “A nova geração” e tweet “Minoria tem que se calar”.



Fonte: *Twitter* 29 setembro 2018.

A misoginia é evidente em vários discursos do atual Presidente, e, como reflexo disso, muitas mulheres e meninas não se calaram nos meses que antecederam as eleições de 2018. A Figura 23, é simbólica; cada cartaz segurado pelas alunas, de um colégio que aparenta ser da rede pública por conta do uniforme, traz mensagens de repúdio a Jair Bolsonaro e questões que cercam sua integridade. Marielle Franco, vereadora assassinada em 14 de março de 2018, é

citada em um dos cartazes, uma mulher que tinha papel de destaque político na comunidade em que vivia, e que defendia pautas divergentes das de Bolsonaro. A postagem é uma clara manifestação feminista, composta por jovens que buscam seus direitos e o de todas as mulheres.

A educação política e os ensinamentos vindos dos pais ou responsáveis contribuem para a formação ética e moral de uma pessoa, fato que pode ser visto na Figura 24, em que uma criança manifesta sua opinião de repúdio, com a ajuda da mãe, ao candidato, na época, a Presidente da República, Bolsonaro.

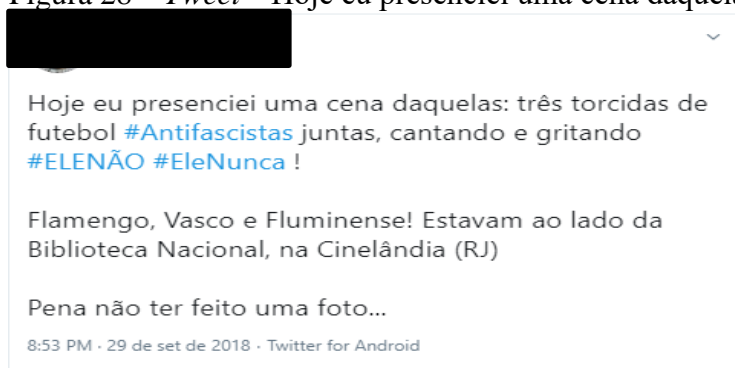
Ainda fazendo referência à minoria ocupada pelas mulheres, o *Tweet* de da Figura 25 mostra a manifestação de 29 de setembro de 2018, que, segundo o site Brasil de fato, teve cerca de 100 mil participantes, só na capital mineira. Além de Belo Horizonte, foram registrados atos com o mesmo viés em mais 260 cidades em todo o Brasil.

Figuras 26 e 27 – *Tweet* “Foto didática” e *tweet* “Curitiba não é só golpe!”.



Fonte: **Twitter** 29 setembro 2018.

Figura 28 – *Tweet* “Hoje eu presenciei uma cena daquelas”.



Fonte: **Twitter** 29 setembro 2018.

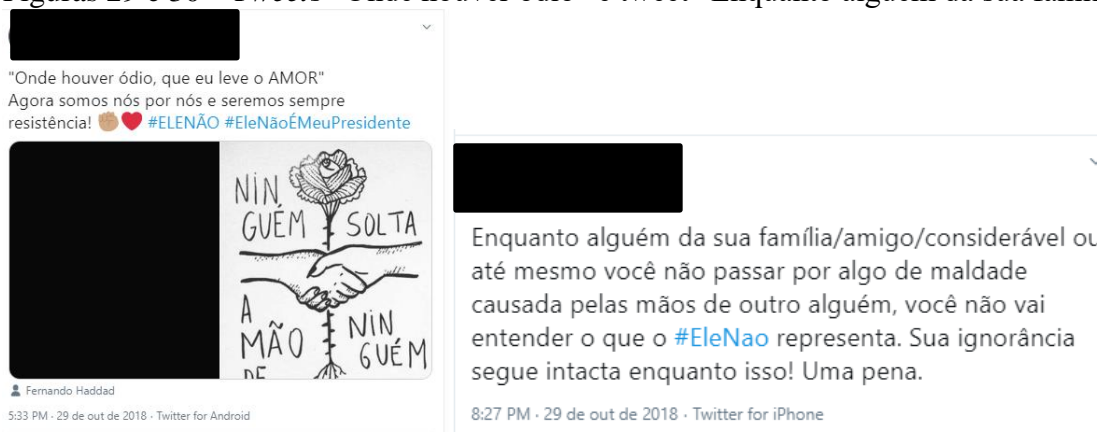
Nas postagens das Figuras 26, 27 e 28, é possível analisar a presença de diferentes manifestantes nos atos contra Bolsonaro. A primeira postagem exemplifica que é possível não



ser a favor do direitista e, ainda assim, também não ser a favor do PT, visão essa que se tornou popular em um país polarizado politicamente, como o Brasil. Assim como é possível desmistificar os estigmas da capital paranaense, que ficou marcada por ser sede da Operação Lava Jato, um dos principais atos que alavancaram Jair Bolsonaro para a presidência, mostrando que parte da capital também era contra o candidato.

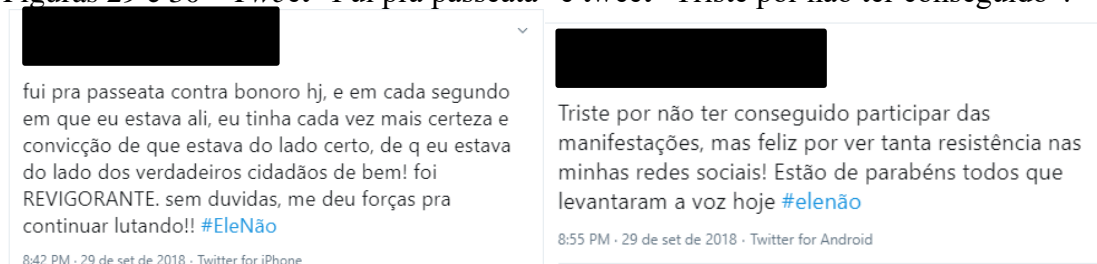
Já na Figura 28, é possível notar que torcedores de times considerados rivais deixaram suas diferenças e competitividades de lado e uniram-se de forma pacífica em prol da mesma causa. Torna-se ainda mais interessante a análise ao se refletir sobre a importância social que o futebol ocupa no Brasil, e ainda aos atos de violência e vandalismo que, infelizmente, são comuns entre torcedores.

Figuras 29 e 30 – *Tweets* “Onde houver ódio” e tweet “Enquanto alguém da sua família”.



Fonte: *Twitter* 29 outubro 2018.

Figuras 29 e 30 – *Tweet* “Fui pra passeata” e tweet “Triste por não ter conseguido”.



Fonte: *Twitter* 29 setembro 2018.

O movimento #elenão, nas ruas e nas redes, teve adesão de pessoas que, mesmo com pautas diferentes, buscavam os mesmos direitos. A solidariedade, sororidade, respeito e empatia são comuns em postagens que acompanham a *hashtag* agora analisada. Preto em referência ao luto e a imagem com os dizeres “ninguém solta a mão de ninguém” foram compartilhadas massivamente no dia em que, de fato, Bolsonaro foi eleito. As demais postagens também são

do dia da eleição e trazem mensagens regadas de preocupação com o futuro do país, além da satisfação e admiração na participação nos atos contra o direitista.

Diferentemente das Jornadas de Junho, o #elenão tinha um principal objetivo, que nada mais era do que impedir, por meio da votação democrática do ano de 2018, que Bolsonaro fosse eleito Presidente, fato que não se concretizou, já que o direitista foi eleito com 55,13% dos votos, em disputa contra Fernando Haddad.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escolha da temática deste trabalho, foi necessária a realização de revisão bibliográfica de diversos autores e estudos sobre todos os títulos problematizados. Com isso, foi possível que a visão e o entendimento sobre tais assuntos fossem agregados ou, ainda, transformados durante o processo de elaboração deste artigo.

A Fundamentação Teórica utilizada para embasar a análise dos conteúdos selecionados explora, discute e estuda todos os principais fatos sociopolíticos que culminaram na polarização da política brasileira, criando, assim, uma espécie de linha do tempo com detalhes e recortes ricos para que o entendimento sobre as postagens e, principalmente, sobre o Brasil atual se tornem mais claras para os autores e – no futuro – leitores deste.

Fazendo uso da ferramenta de busca avançada do *Twitter* e com critérios que compreendem a relevância social, frequência e nível de criticidade, cada postagem analisada apresenta relevância para estar no trabalho. Cada bloco de análise segue uma temática específica dentro das *hashtags* escolhidas, organização que possibilitou uma contribuição para os estudos já existentes de análise de conteúdo.

Diante da amplitude do tema e das publicações analisadas, foi necessário estabelecer critérios para a escolha dos conteúdos apresentados neste artigo. Como o trabalho priorizou a análise de conteúdo, ele indica que outras investigações podem ser feitas: respostas aos *Tweets* analisados; nível de interação de cada publicação; postagens com as mesmas *hashtags*, mas feitas em outras redes sociais; características dos perfis analisados, entre outros.

Há de se pensar, para um próximo estudo, que existem outras *hashtags* que podem ser analisadas dentro do contexto que envolve o ciberativismo. Devido ao recorte proposto, postagens feitas com as *hashtags* #ogiganteacordou, #mudabrasil, #tchauquerida, #foraDilma, #quemmatoumariele #pelodireitodasmulheres e #mulherescontraobolsonaro não foram analisadas, mesmo sendo muito relevantes para o processo de ciberativismo no Brasil.

## 5. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Lívia. Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. **Aurora**, São Paulo, v. 8, n. 23, p. 73-97, set. 2015.

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estud.**, v. 38, n. 1, p. 185-213, mai. 2019.

BBC NEWS BRASIL. **Análise do uso do *Twitter* revela ‘mapa’ de protestos no Brasil**. 11 jul. 2013. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130710\\_protestos\\_Tweets\\_hashtags\\_cc\\_m\\_db](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130710_protestos_Tweets_hashtags_cc_m_db). Acesso em: 24 set. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1966.

CASTRO, Raquel Cardoso. A sociedade em Rede. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, n. especial, p. 134-144, jul./dez. 2003.

CARVALHO, Marina; SIRQUEIRA, Márcio. Da internet para as ruas: o ativismo virtual como movimento modificador da participação popular no cenário brasileiro. **Revista Jurídica**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 162-181, jul./dez. 2019.

FERREIRA, Rubens. Jornadas de Junho: a leitura em quatro conceitos para a Ciência da Informação. **Revista USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 5-19, set. 2015/fev. 2016.

G1 DISTRITO FEDERAL. **Ensino médio na rede pública do DF tem 23% de reprovação, diz Codeplan**. 2 out. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/10/ensino-medio-na-rede-publica-do-df-tem-23-de-reprovacao-diz-codeplan.html>. Acesso em: 8 out. 2020.

G1 PARANÁ. **Eduardo Cunha é condenado a 15 anos de reclusão por três crimes na Lava Jato**. 30 mar. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/eduardo-cunha-e-condenador-a-15-anos-de-reclusao-por-tres-crimes-na-lava-jato.ghtml>. Acesso em: 07 ago. 2020.

G1 SP. **Aécio Neves vira réu na Justiça Federal de SP por corrupção e tentativa de obstrução à Lava Jato**. 05 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/07/05/aecio-neves-vira-reu-na-justica-federal-de-sp-por-corrupcao-e-tentativa-de-obstrucao-a-lava-jato.ghtml>. Acesso em: 07 ago. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

JÚNIOR, João Feres; KERCHE, Fábio (Orgs.). **Operação Lava Jato e a Democracia brasileira**. São Paulo: Contracorrente, 2018.



O TEMPO. **Copa do Mundo gerou gastos de 25,6 bilhões para o Brasil**. 13 mai. 2014. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/hotsites/copa-do-mundo-2014/copa-do-mundo-gerou-gastos-de-r-25-6-bilhoes-para-o-brasil-1.844311>. Acesso em 08 out. 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do Discurso**. [S.I]: Pontes, 1988.

QUEIROZ, Eliane. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. **Panorama**, Goiânia, v. 7, p. 2-5; jan./jun. 2017.

RECUERO, Raquel. **Atos de Ameaça à Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet**. 2015. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

ROCHA, Camila. “**Menos Marx, mais Mises**”: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **Carta Maior**. 01 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/%20EleNao-A-manifestacao-historica-liderada-por-mulheres-no-Brasil-vista-por-quatro-angulos/60/41904>. Acesso em: 22 out. 2020.

ROTHENBURG, Walter; STROPPIA, Tatiana. Liberdade de expressão e discurso de ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. **Revista Eletrônica do Curso de Direito**, Santa Maria, v. 10, n. 2, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por que gritamos Golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

SIGNER, André. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias Cruzadas. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 97, nov. 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002013000300003&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 07 set. 2020.

SILVA, Claudiene Diniz da. **Hashtags sob o viés da semântica da enunciação**. 2017. 228 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no espelho**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

UOL POLÍTICA. **Brasil tem maior manifestação contra Dilma**. 13 mar. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/13/brasil-tem-maior-manifestacao-contradilma.htm>. Acesso em: 15 out. 2020.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.

YOUTUBE. **Dilma Rousseff faz pronunciamento após votação final do impeachment**. s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gKkpe53jaPk&t=1s>. Acesso em: 11 set. 2020.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Recirculação jornalística no *Twitter***: filtro e comentário de notícias por integrantes como uma forma de potencialização da circulação. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.